

56. **O Museu de Pré-História e Proto-História do Lácio**, em “Dédalo”, nº 1. 1 965.
57. **As relações do Ocidente com o Extremo-Oriente durante a Idade Média**, em “Anais do I Colóquio Brasil-Japão”, 1 967.
58. **A moeda e a circulação do ouro na Antiguidade e Idade-Média**, em “Anais da I Semana de Estudos Históricos”. Ponte Nova, 1 972.
59. **A FEB: tema para um historiador**, em “Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”, vol. 317. Rio de Janeiro, 1 977.

*

* *

AS CONSEQÜÊNCIAS DA INTRODUÇÃO DO CRISTIANISMO NA RÚSSIA

Em 989 Vladimiro volta para Kiev acompanhado por Ana e pelos dignitários e eclesiásticos bizantinos que a acompanharam a Cherson. Nas margens do Dnieper ele fez o batismo dos seus doze filhos e de toda a população da cidade que não era ainda cristã. O neófito fez também flagelar e precipitar no rio os ídolos eslavos e escandinavos que existiam na cidade e, em seu lugar, fez erigir igrejas de acordo com os modelos bizantinos. A nova religião propagou-se pacificamente ao longo de todas as rotas comerciais freqüentadas pelos varegues, com exceção de Novgorod, onde Vladimiro foi obrigado a empregar a força, o que vem provar mais uma vez que a cristianização da Rússia foi obra do comércio varegue com Bizâncio. Mas, nas regiões longínquas e selvagens, fora dessas rotas comerciais, o paganismo persistiu durante séculos, sem recuar diante da propaganda cristã, como entre os viatchichi e krivichi até o início do século XII e em Muron até o século XIII. Em muitas regiões, as antigas crenças não foram esquecidas e se amalgamaram com a nova religião, formando um todo supersticioso e esquisito.

Por outro lado, não devemos pensar que a conversão dos russos foi simples mudança de religião. O Cristianismo, tornando-se religião oficial do Estado e crença predominante, não se manifestava somente pela evangelização e pelo culto, mas também por grande número de novas instituições e ordenanças. Bizâncio organizou a igreja russa e sua hierarquia eclesiástica: o metropolitano russo, consagrado pelo patriarca de Constantinopla, tinha a sua residência em Kiev. As outras cidades receberam bispos — inicialmente foram criados cinco

episcopados na Rússia e depois mais dez — subordinados ao metropolita de Kiev. Nesta cidade e em todas as outras dioceses foram fundadas igrejas e mosteiros cujo clero (secular e regular) estava diretamente subordinado a seus bispos e, através destes, ao metropolita de Kiev. É interessante notar a grande influência bizantina no alto clero russo, pois entre os 23 metropolitans de Kiev conhecidos — desde a conversão de Vladimiro até a conquista tártara do século XIII — encontramos 17 prelados bizantinos, 3 russos e 3 de origem desconhecida. O metropolita russo, cousa que revela sua subordinação a Constantinopla, só podia ser julgado por motivo de faltas graves pelo patriarca bizantino e não pelo grão-príncipe de Kiev, o que, sem dúvida, lhe dava grande independência em face do poder principesco.

A conversão da Rússia, a organização da sua igreja e do seu clero, tiveram também repercussões na Igreja bizantina, pois devem ter contribuído para o aumento do seu prestígio e da sua área de jurisdição. Esse fato, sem dúvida, estimulou o patriarca a exigir para si maior liberdade em face do Papado. Sabemos também que o acordo entre as Igrejas de Roma e de Bizâncio, concluído em 898 e renovado em 920, tinha sido em geral observado e se a opinião da grande maioria dos membros das suas comunidades tivesse encontrado meio de exprimir-se, talvez o Cisma do Oriente pudesse ter sido evitado. Mas durante esse longo período, um dos mais sombrios para o poder do Papado, os patriarcas de Constantinopla, cuja influência crescera com os sucessos externos do Império, tinham ficado quase independentes de Roma. Longe de repudiar a tradição do patriarca Fócio, eles tinham continuado a manifestar sua hostilidade contra o uso do latim. Na aparência a paz prevaleceu, mas na realidade os defensores dos dois rituais eram inimigos secretos, pois outra cousa não podemos deduzir do fato dos missionários gregos que instruíram e batizaram Vladimiro na fé cristã, chamarem solícitamente sua atenção para o erro do emprego do latim e, com o fim de explicá-lo, chegaram à perfeição de inventar um verdadeiro romance, cheio de calúnias, tão odiosas quanto grosseiras. Esse estado de cousas perdurou até o rompimento definitivo de Miguel Cerulário (1054). Como vemos, a conversão dos russos contribuiu, ainda que muito indiretamente, para separação das duas Igrejas cristãs.

A Bíblia e outros livros canônicos, traduzidos outrora em eslavão por Cirilo e Metódio, foram transcritos no alfabeto cirílico aperfeiçoado, tornando-se assim mais acessíveis, por ser o eslavão língua que todos os eslavos compreendiam. Foram também criadas inúmeras escolas e iniciada a prática de copiar manuscritos raros, formando-se dessa maneira, paulatinamente,

uma literatura de base grega, tanto laica como religiosa. Logo após, começaram a surgir anais e crônicas indígenas, como a de **Nestor** e a de **Novgorod**.

O metropolitano, e o clero em geral, governavam e julgavam os que lhes estavam subordinados, da mesma maneira que os eclesiásticos bizantinos, baseando-se para isso em obras bizantinas, como a tradução do **Nomocanon**, que continha as leis canônicas dos Apóstolos e dos concílios ecumênicos e também as leis civis dos imperadores de Constantinopla. Outra obra usada, e que teve grande reputação entre os canonistas russos, foi a **Prochiron** ou **lex manualis**, promulgada entre 870 e 879 por Basílio I (867-886) e continuada por seu filho Leão VI, o Sábio (886-911). Esse manual tão simples consistia em textos que eram aplicados continuamente; eles estavam baseados nas traduções gregas e nos comentários das obras de Justiniano e formavam a sua primeira parte. Na segunda parte o **Prochiron** reproduzia as cláusulas da **Ecloga** e continha algumas inovações de Basílio.

A Igreja russa possuía terras que o clero e os mosteiros administravam à sua vontade, guiando-se pelas leis bizantinas e aplicando aos agricultores que faziam parte dos seus domínios as normas jurídicas de Bizâncio. Nestas condições, a Igreja russa exerceu uma autoridade jurídica considerável. Numa sociedade dividida em famílias, tribos, cidades, distritos, ela formou um grupo à parte, tendo seus súditos, seu direito e sua jurisdição. Essa comunidade eclesiástica englobava não somente o clero regular, os membros do clero secular e suas famílias, como também todo o pessoal das igrejas e das instituições por ela regidas, como hospitais e hospícios com todas as pessoas neles recolhidas (peregrinos, mendigos, inválidos, escravos, libertos por promessas de seus senhores etc.); ela compreendia também os que se tinham separado de suas comunidades de origem e, em consequência, perdido sua proteção (filhos iletrados de padres, mercadores arruinados etc.). De acordo com as prerrogativas outorgadas por Vladimiro e seus sucessores, a Igreja e toda a sua clientela eclesiástica era julgada em assuntos civis e criminais, não pelo príncipe, mas pelas autoridades religiosas. Por outro lado, todos os atentados à religião e aos costumes, assim como assuntos de família (discórdia entre esposos, conflitos entre pais e filhos etc.) eram da alçada da Igreja. Como esta se inspirava nos seus julgamentos, mais nas leis de Bizâncio do que nos usos e costumes locais, podemos fazer idéia de como a Igreja introduziu na Rússia as regras do direito bizantino e de como influiu posteriormente na sua legislação e na sua jurisprudência.

Anteriormente à introdução do Cristianismo na Rússia, o grão-príncipe de Kiev sempre se esforçara para unificar as tribos eslavas e formar

um único Estado, como também sempre pretendia estabelecer vantajosas relações comerciais com os países vizinhos e principalmente com Bizâncio, e também sempre procurara defender a Rússia dos seus inimigos externos. Mas com a nova fé sua posição mudou: o príncipe tornou-se não mais o servidor do Estado, mas sim, seu senhor. A Igreja contribuiu poderosamente para a unificação do território, como também para o desenvolvimento das novas funções do príncipe: administrador e juiz. Com efeito, o clero propagou a idéia do poder divino do príncipe — de acordo com o direito bizantino — mas ao mesmo tempo o obrigou a criar e a manter certa ordem social. Essas idéias contribuíram para transformar o embrionário Estado de Kiev em verdadeira monarquia principesca.

A arte russa inicialmente foi mera cópia da arte bizantina, mas logo começou a adquirir traços originais, oriundo em grande parte de influências orientais. Assim, a grande igreja de Santa Sofia, de Kiev, bizantina pela sua forma e mosaicos, possuía traços que a ligavam estreitamente às igrejas da Geórgia, principalmente à pequena igreja de Movki. Esse intercâmbio de idéias fez nascer pouco a pouco um estilo artístico russo original. É difícil dizer até onde essa civilização russa medieval, de origem bizantina, se difundiu nesse imenso país, então ainda não unificado, além do que a invasão tártara do século XIII entravou seu desenvolvimento, impregnando-a, porém, profundamente com seus usos e costumes, chegando mesmo a dar-lhe, às vezes, um aspecto inteiramente oriental. Mas, em todo o caso, podemos afirmar que, quando os grão-príncipes de Kiev queriam construir qualquer igreja, ou então desejavam adorná-las com mosaicos e obras de arte, era de Bizâncio que faziam vir os arquitetos, os artistas e pintores de ícones de que tinham necessidade. Sabemos, por outro lado, que a primeira igreja que Vladimiro mandou erigir foi dedicada a São Basílio e edificada numa colina onde antes existira um ídolo de **Perun**. Dessa época, possuímos ainda os alicerces do templo de Dsiatinnaya em Kiev, porque muitas das outras igrejas foram destruídas, principalmente pela invasão dos tártaros.

Notamos também uma curiosa influência bizantina na onomástica russa, principalmente na adoção de nomes de santos gregos. Assim, começam a aparecer grande número de pessoas com nomes de Alexandre, Sérgio, Nicolau, Miguel, João (Ivan), Jorge (Yuri), Teodoro (Feodor), Pedro (Piotr), Estêvão (Stepan), Maria, Marta (Marfa), Sofia, Irene, Natália, Teodora (Fedora), Ágata (Agáfia), Eufêmia (Ifêmia), Xênia etc.

Concluindo: a nova religião foi responsável na Rússia por imensas mudanças, pois introduziu novos poderes políticos e religiosos, novas leis e tribunais, novos usos e costumes, principalmente na família, suprimindo a

poligamia e as tradicionais vinganças pessoais. A Rússia medieval é, pois, na verdade, filha de Bizâncio.

(O Comércio Varegue e o Grão-Principado de Kiev , 79 — 84.)

*

ROMA E SUA CIVILIZAÇÃO NA TINGITÂNIA

Apesar das insurreições e incursões de mouros na Bética, obra dos nômades, a paz que Roma fez reinar em todo o Império beneficiou muitíssimo a Tingitânia, permitindo mantivesse esta com todas as regiões do **Mare Nostrum** e principalmente com a Ibéria, importantes relações comerciais. Essas relações permitiram também a eclosão duma magnífica civilização urbana na zona do litoral e nas planícies, pois durante quase dois séculos (de 42 até o reinado de Alexandre Severo, 222-235) não houve aí turbação grave e contínua da **pax romana**.

1. As relações comerciais da Tingitânia com o mundo romano

Temos absoluta certeza de relações comerciais entre a Mauritânia Tingitana e a Ibéria, principalmente com a Bética. Mas, se não possuímos provas de que os mouros iam comerciar diretamente na Europa, sabemos pelo menos que marinheiros e pescadores de Gades e de outros lugares da Ibéria freqüentavam os portos do atual Marrocos e suas costas atlânticas. Eles se aventuraram também, juntamente com os mercadores de púrpura da Getúlia, muito longe, ao longo da costa ocidental da África.

Juba, apesar de ser um sábio e um escritor, procurou obter grandes lucros com a instalação da indústria da púrpura nas ilhas de Mogador, aproveitando a abundância do múrice na costa da Mauritânia. Essa indústria constituirá, sem dúvida, um monopólio real, pois só assim se justifica o interesse pessoal do soberano por ela. Horácio, falando da qualidade da púrpura getula, gaba as vestimentas tintas duas vezes: “...**bis Afro murice** tinctae lanae...”

A púrpura da Getúlia foi objeto duma grande exportação para as outras regiões do Império. Infelizmente, não possuímos dados diretos sobre esse comércio, porque conhecemos de modo seguro somente alguma coisa da exportação desse produto da Tingitânia, através do movimento do porto de Cesaréia, que, como sabemos, estava situado na Mauritânia Cesariana. Esse porto tinha um comércio intenso com a Ibéria. Tanto é assim, que as cidades que mais importavam mercadorias da Mauritânia eram precisamente Gades, Cartagena e